

Iluminismo pedagógico: educação e adolescência no Livro III do *Emílio* de Rousseau

Simone Romani* & Raimundo Rajobac**

Resumo: O objetivo deste artigo constitui-se em investigar o conceito de educação na adolescência, tomando como referência o livro III da obra *Emílio ou da Educação* de J.J Rousseau (1762). O estudo parte de um olhar sobre os dois primeiros livros, (A idade da natureza) – *infans* – de 0 a 2 anos e A idade da natureza – *puer* – de 2 – 12 anos), nos quais Rousseau defende a ideia de que devem ser oportunizadas para a criança condições apropriadas para que ela possa preencher suas necessidades a fim de tornar-se forte e bem desenvolvida. Ao chegar à adolescência, torna-se indispensável que o educador prepare o educando de modo que suas ações o centralizem no que seja verdadeiramente proveitoso, adequando-lhe, assim, a um desenvolvimento saudável, praticando ações oportunas que se ajustem às suas condições e probabilidades. Nesta fase, o seu corpo se encontra forte e robusto, deparando-se com habilidades e disposições que ultrapassam suas próprias necessidades. Por isso, é indispensável acompanhar seu desenvolvimento natural, biológico e cognitivo, que convida o educador a estimulá-la para o estudo, trabalho e acontecimentos naturais.

Palavras-chave: Iluminismo, Educação, Adolescência, Rousseau.

Abstract: The purpose of this paper is to investigate the concept of education in adolescence, taking as reference the book III of the work *Emile: or, On Education* of Rousseau (1762). The study starts with a look over the first two books, (The age of nature) - *infans* - 0 to 2 years and age of nature - *puer* - 2 - 12 years), in which Rousseau defends the idea that should be nurtured for the child appropriate conditions, so that it can fill its needs in order to become strong and well developed. Upon reaching adolescence, it is essential that the educator prepares the student in a way that his actions centralize it in what is truly useful, allowing it a healthy development, practicing appropriate actions that suit to its conditions and probabilities. At this stage, its body is strong and robust, encountering skills and provisions that go beyond their own needs. So it is essential to follow its natural, biological and cognitive development, which invites the educator to stimulate it to study, work and natural events.

Key words: Enlightenment, Education, Adolescence, Rousseau.



* **SIMONE ROMANI** é Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação – UPF; é professora efetiva de Educação Física vinculada a Secretaria Municipal de Educação de Guaíba/RS e Tutora bolsista no curso de Licenciatura em Música a distância da UFRGS.



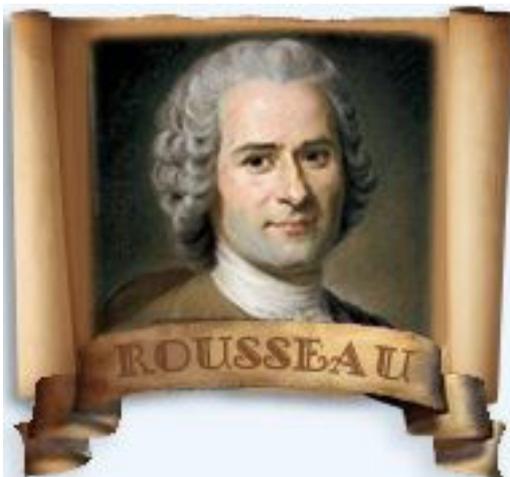
** **RAIMUNDO RAJOBAC** é Professor efetivo no Departamento de Música da UFRGS. Doutorando em Educação pela PUCRS e Mestre em Educação pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Possui Licenciatura em Música (UPF), Filosofia (URI/UPF) e Teologia (ITEPA).

1. Considerações iniciais

O filósofo Jean-Jacques Rousseau nasceu em Genebra, na Suíça, no dia 28 de junho de 1712. Em razão de dificuldades no parto, sua mãe morreu alguns dias depois de seu nascimento e ele passou a ser cuidado por sua tia Suzane Rousseau. Na juventude, esteve sob os cuidados de Madame de Warens, uma senhora da alta nobreza. Nas décadas de 1750 e início de 1760, Rousseau teve seu período mais produtivo intelectualmente, quando se isolou no campo para produzir. Ali fazia longas caminhadas, vivendo em contato com a natureza. Foi nessa época de inspiração que o autor escreveu a obra

Emílio ou da Educação (1762). Em 2 de julho de 1778, o filósofo veio a falecer e foi enterrado em Ermenoville, porém, durante a Revolução Francesa, seus restos mortais foram transferidos para o Panteão de Paris.

Como iluminista, Rousseau era a favor de um conceito ampliado de razão, que defende o potencial da racionalidade humana. Foi adepto do ideal iluminista de que é somente pela educação que o homem deixa de ser um ser selvagem para tornar-se independente e poder exercer um domínio moral de si mesmo. Para o filósofo, a educação era o principal recurso de polimento da rusticidade humana.¹ Ao partir dessa



ideia geral, ele pensa num projeto educacional capaz de preparar a criança, educando-a durante a infância pelas leis da natureza. Só assim, ela pode viver em sociedade e contribuir significativamente para o crescimento da mesma. O autor prima por uma relação entre a pedagogia e os ideais iluministas, os quais nos conduzem necessariamente à relação da pedagogia com os temas da razão e da autonomia. Nesse sentido, o processo educativo-iluminista rousseauiano determinou-se pelo uso da razão para formar um educando independente e apto para decidir por si mesmo a respeito de sua vida.

Na obra *Emílio*, Rousseau (2004) desenvolve uma teoria filosófico-educacional original. Seu principal objetivo é destacar a ideia de que o entendimento adequado, do homem e da sociedade depende necessariamente do desenvolvimento educacional pelo qual

passou a criança. Por isso a insistente ideia rousseauiana sobre a necessidade de tratar a criança como criança, de mantê-la em seu próprio mundo, com as características típicas desta fase, não como um pequeno adulto. Um bom adulto, segundo Rousseau (2004) precisa antes ser criança e viver sua infância por meio da educação dos sentidos e do fortalecimento do corpo. Só visando ao processo educacional nessa perspectiva, o que rompe necessariamente com a ideia tradicional de formação pela razão, o educando

¹ Esta ideia será retomada e aprofundada por vários outros pensadores que vieram depois de Rousseau, entre eles Kant (2002), o pensador alemão, que se inspirou fortemente nas ideias educacionais de Rousseau para preparar suas aulas de pedagogia oferecidas na Universidade de Königsberg durante vários semestres. Sobre

isso, ver também Dalbosco e Eidam (2009, p. 159-190).

desenvolverá as capacidades racionais e cognitivas necessárias a seu ingresso na sociedade. Educar na adolescência exige de antemão a observação dos critérios apresentados pelo teórico nas fases anteriores. Contudo, faz-se importante ressaltar que neste trabalho nos ocuparemos da etapa que vai dos 12 aos 15 anos, apresentada pelo autor no terceiro livro de *Emílio*. O autor entende o adolescente como uma pessoa completa, abrangendo na infância várias etapas para o seu desenvolvimento, incluindo também a fase de conflitos (adolescência) que, embora sendo breve, é de fundamental importância para o aprimoramento e formação do educando.

Rousseau (2004) dividiu a obra *Emílio ou da Educação* em cinco livros, nos quais pensa a educação de seu aluno fictício Emílio. O processo educativo inicia com o nascimento de Emílio e vai até o seu ingresso como adulto na sociedade, o que se dá por volta dos vinte e cinco anos de idade. A obra foi escrita no mesmo período de *Contrato social* (1762). Contrariou significativamente a visão conservadora e tradicional da época. Não sendo bem aceita, motivou a queima dos volumes logo após a publicação. *Emílio* insere-se na ótica geral do *Contrato social* (1762) e aprofunda a argumentação que Rousseau havia desenvolvido antes no *Segundo discurso*² (1754), o qual define a socialização como perda da liberdade natural e aumento da artificialidade do

homem. O *Contrato social* (1762) e o *Emílio* (1762) veem nesse método a possibilidade para o homem desenvolver suas faculdades, administrando sua própria sociabilidade.

O genebrino pensa um processo educativo que leve em conta o desenvolvimento sensitivo, cognitivo e moral para Emílio. Para tanto, divide-o em diferentes fases. A primeira fase denominada “infância” divide-se em *primeira e segunda infância*. A “primeira infância” ou “idade das necessidades”, iniciada com o nascimento e indo até os dois anos de idade, é abordada no primeiro livro da obra. A “segunda infância” ou “idade da natureza” compreende a fase dos dois aos doze anos, e é abordada no segundo livro do *Émile* (1762). O livro terceiro, que compreende a etapa dos doze aos quinze anos, Rousseau chama de “idade da força”, por ser uma fase intermediária entre a infância e a juventude. O quarto livro compreende a fase da juventude que ocorre dos quinze aos vinte anos, também denominada de “idade da razão e das paixões”. Enfim, no quinto livro Emílio está na fase adulta, a qual compreende o período dos vinte aos vinte e cinco anos: é considerada como a “idade da sabedoria”. Por este caminho Rousseau ilustra em sua obra o projeto de uma educação natural e social.

2. Educação do adolescente no Terceiro Livro do Emílio

Para Rousseau, dos doze aos quinze anos, acontece um desequilíbrio entre as necessidades da criança e o desenvolvimento de suas forças. Trata-se do período em que a criança tem mais força do que necessita e que os limites passam a ser atribuídos pela lei da utilidade. Nessa fase, as características do educando vão se modificando e, com isso, as ações do

² A ênfase do *Segundo Discurso* recai, sobretudo, no qual haveria uma perspectiva nitidamente pessimista em relação ao progresso da socialização humana: quanto mais o homem se socializa e quanto mais ganha em comodidade e conforto materiais, mais se deprava moralmente. Se primitivismo residiria, portanto, no fato de que o progresso econômico-social seria a principal causa da corrupção dos costumes. (DALBOSCO, 2008, p. 127).

preceptor também deverão mudar, isto é, exercitando sempre uma educação que conduza a criança ao desenvolvimento de sua autonomia por meio de uma liberdade bem regrada (CERIZARA, 1990).

Conforme Streck (2008, p. 37), “[...] é chegada a hora de preparar Emílio para o mundo do trabalho. Dadas as limitações da inteligência para conhecer tudo que existe, o critério para a educação nessa fase da vida é a utilidade”. Nessa fase, notaremos que o processo educativo deve primar por auxiliar o educando a se localizar no mundo: é o período que precede a adolescência, ou também chamada - terceira fase da infância.

Atualmente a definição feita por Rousseau para essa idade corresponde ao período o qual chamamos de adolescência. O genebrino salienta que acontecem primeiramente as alterações físicas, isto

é, a força é desenvolvida mais depressa do que as necessidades. É o momento em que as forças devem ser guiadas para a inclusão do jovem na sociedade por meio do “estudo ou aprendizagem das ciências” e do “trabalho ou eleição da profissão” (ROUSSEAU, 2004, p. 222), portanto, por meio da utilidade.

2.1. O ensino das ciências ou o estudo

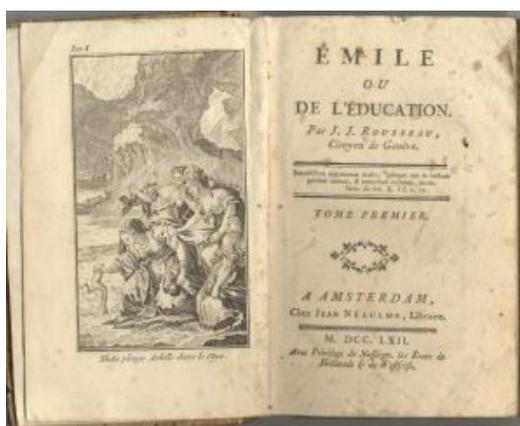
Rousseau (2004) enfatiza que de nada adianta atribuir conceitos e informações à criança, pois o entendimento das ciências ou estudo acontecerá somente quando a criança permanecer atenta ao que ocorre na natureza e também sua curiosidade for despertada para isso.

Para que aconteça uma boa aprendizagem, não é necessário que sejam utilizados objetos refinados ou a psicologia. O educador deve ser um companheiro que desperte o interesse no educando para que possa sempre fazer novas descobertas, como, por exemplo, para aprender geografia, o preceptor e Emílio poderiam passear pelos bosques onde descobririam a flora, a fauna e até mesmo a localização dos astros e dos pontos cardeais. Para Rousseau a motivação vem de dentro; do sentimento pelas coisas que acontecem na natureza. Dessa forma, “[...] o erro faz parte da aprendizagem, e não cabe ao preceptor a vigilância para correções. [...] Emílio se dará conta dos

seus enganos e, por si, fará as devidas [...] revisões”. (STRECK, 2008, p. 39). O genebrino insiste ainda, conforme o que nos conta Streck (2008), que não devemos passar muitas informações para a criança, porque, segundo ele, serão como aquelas

crianças que catam um monte de conchas na praia e não conseguem segurá-las nas mãos, jogando-as fora e voltando para pegar tudo de novo.

Para Rousseau, a educação dos livros de sua época cometia dois erros: tolhia a capacidade de fazer perguntas e buscar respostas, e não formava homens que pudessem ser úteis para a nova sociedade que estava surgindo. Tal educação ensina a falar de coisas que não se sabe, ou seja, a formar crianças-pessoas que só repetem palavras ou para serem melhores que as outras ou por vaidade. Assim, “[...] não se trata de ensinar-lhe as ciências, mas de dar-lhe o gosto para amá-las e métodos para



aprendê-las quando esse gosto estiver mais desenvolvido. Este é com toda a certeza um princípio fundamental de toda boa educação”. (ROUSSEAU, 2004, p. 222).

Nesse contexto, o que Rousseau nos revela é que podemos tornar-nos mais habilidosos ao descobrirmos semelhanças quando arquitetamos aparelhos e instrumentos do que quando aceitamos as coisas prontas, fazendo com que nossa imaginação e nosso corpo não desempenhem uma importante função: não deixar que nos tornemos preguiçosos.

2.2. A eleição da profissão ou do trabalho

Conforme Rousseau (2004), o benefício mais aparente, em meio aos estudos especulativos sobre a eleição da profissão ou do trabalho propriamente dito, é manter o corpo em atividade, os membros em exercício contínuo como, por exemplo, educar constantemente as mãos em sua agilidade para que seja útil no trabalho e para as pessoas. Dessa forma, “[...] quando utilizamos na fabricação de máquinas a habilidade [...] que temos para fazê-las, [...] juntamos a arte à natureza, tornando-nos mais engenhosos, sem nos tornarmos menos hábeis”. (ROUSSEAU, 2004, p. 251).

Como primeira disposição para a escolha da profissão ou trabalho de Emílio, deve-se levar em conta que ela possa torná-lo independente, significando para isso que ele não precise de servos nem de chefes para ajudá-lo, assim, ele nada deverá saber por que alguém lhe disse, mas por conta de seu próprio aprendizado e experiência. Para garantir o seu sucesso, o preceptor deverá sempre começar a educação do seu aluno pelos elementos mais simples e perceptíveis, conforme os apresentados pela natureza.

Da mesma maneira que Emílio inventava os instrumentos para investigar (pesquisar) nas aulas de ciências, ele igualmente precisará construir os aparelhos (utensílios) para que possa trabalhar. Conforme a criança vai desenvolvendo sua inteligência, ela vai tomando outras decisões e, ao mesmo tempo, fazendo escolhas que decidirão melhor a sua profissão. Assim ela conseguirá conhecer melhor a si mesma para poder julgar no que incide a sua comodidade, avaliando o que lhe convém e o que não lhe convém. Portanto, “[...] está em condições de perceber a diferença entre o trabalho e a diversão e só considerar esta última como o descanso do outro”. (ROUSSEAU, 2004, p. 232).

Streck (2008) aponta a sugestão do genebrino: um modelo inspirador para Emílio seria Robinson Crusoe, que, abandonado em uma ilha, precisará criar as condições para poder sobreviver. Do mesmo modo, Emílio terá o vigor físico e a ingenuidade de alma do selvagem ou do camponês e o juízo crítico do filósofo. Nesse contexto, existe uma valorização pelo trabalho manual, juntando-o à utilidade, ao mesmo tempo em que a inteligência adota um papel prático (produtivo).

O genebrino ressalta que todo homem quer ser feliz, porém essa felicidade depende primeiramente em saber o que ela é. Conforme Rousseau a felicidade do homem que foi criado segundo as leis da natureza, será tão simples quanto sua vida, sendo esta constituída pela saúde, liberdade e o necessário. O autor enfatiza ainda que nunca será demais repetir que apenas os objetos puramente físicos podem interessar as crianças, “[...] principalmente aquelas cuja vaidade não foi despertada e que não foram corrompidas antecipadamente

pelo veneno da opinião”. (ROUSSEAU, 2004, p. 232).

O aprendizado para a profissão ou trabalho se dará de forma prática, porém, não se encerra aí, com as coisas que Emilio tem que aprender, ele principalmente tem que aprender algo muito maior e mais difícil, a que precisa ser destinado muito mais tempo - a profissão de ser homem.

3. O amadurecimento racional do educando

Para Tomazelli (2009), a criança que foi conduzida e formada conforme a lei da natureza desenvolveu, para essa fase dos doze aos quinze anos, mais força física do que capacidade de imaginação. Nesse período a disposição imaginativa está em desenvolvimento, por isso a criança deve ser mantida em contato com a natureza “[...] para aprofundar a relação existente entre necessidades, sentidos e sentimentos, que serão os caminhos trilhados para a educação intelectual, sendo conduzida naturalmente da necessidade para a utilidade”. (TOMAZELLI, 2009, p. 9).

O procedimento pedagógico mais indicado para contribuir, na formação da criança, consiste em possibilitar que ela seja exposta a instituir relações voltadas ao conhecimento dos fenômenos da natureza, pois, nesta idade, a criança começa a ampliar sua aptidão intelectual de um jeito mais sistemático em concordância com as forças de seu corpo.

Como podemos perceber, o caráter formativo, que compreende esta fase da vida do educando, deve se fundamentar em exercitar os sentidos e as forças do corpo para que sejam convertidos em ideias reais, integrando mente, corpo e espírito, formando, assim, um ser humano fortalecido, “[...] com capacidades suficientes para decidir

racionalmente, amparado por seus próprios sentimentos, que são característicos da própria natureza humana”. (TOMAZELLI, 2009, p. 10).

Inicia-se, nesta fase adolescente, uma perturbação das relações com o outro, “[...] pois há dificuldade de se colocar no lugar do adulto quando ainda não o é, e há dificuldade de ser criança, quando também não mais a é”. (POKOJESKI, 2009, p. 3). Por meio da educação, a elevação da personalidade é estabelecida já na infância, que contribuirá de certo modo para formar o caráter na adolescência, que por sua vez servirá de apoio para a convivência em sociedade.

A virtude começa quando se inicia o processo de maturação do caráter social e moral. Assim, “[...] a educação em processo ganha força no sentido da condição humana, do que faz o homem ser diferente dos outros animais pela consciência moral e racional”. (POKOJESKI, 2009, p. 5). Para tanto, faz-se de suma importância o aprendizado do aluno, o modo como foi conduzido e a interação entre o educando e mestre; só assim, o aluno estará começando seu desenvolvimento cognitivo para, então, tomar suas próprias decisões.

Podemos dizer, aqui, que essa é a fase das mudanças, que nasce o impulso à consciência. Na fase da infância, o aluno apenas sentia; agora, na fase da adolescência, ele julga. Aqui o esforço do preceptor é dar ênfase sobre a importância das escolhas, tanto para o bem quanto para o mal. Assessorando seu aluno, oferecendo espaço para que ele comece a pensar, o educador estará auxiliando-o a viver na sociedade, instruindo-o a conviver com as pessoas. Assim, o “[...] ajudará [...] a conhecer os instrumentos que permitirão orquestrar a ação e a reação particular de cada um

perante a sociedade civil”. (POKOJESKI, 2009, p. 9).

4. Considerações finais

Rousseau nos apresenta um processo formativo para seu aluno fictício Emílio, desde o seu nascimento até o ingresso adulto na sociedade. O que devemos ressaltar é que a construção do caráter se inicia na infância e na adolescência ele será aprimorado. Aqui o educando deverá aprender a discernir entre o bem e o mal, o certo e o errado, sempre auxiliado pelo seu preceptor, que, aliás, é imprescindível para que haja um crescimento pessoal, intelectual e moral do aluno.

O genebrino pensou um projeto de educação que fizesse com que as pessoas pudessem reconstruir sua identidade, preparando um ser humano que pudesse pensar e agir por conta própria, sem ser levado pelo pensamento de outrem ou corrompido por uma sociedade artificializada que rege as relações humanas.

O papel da educação, segundo Rousseau (2004), é contribuir para o crescimento e melhoria das pessoas, e esta educação começa na família e na escola, para que, a partir da convivência e interação com o outro, o sujeito possa conviver em sociedade aprendendo a distinguir entre o certo e o errado. Apesar de muitas de suas ideias ainda não serem bem aceitas na pedagogia atual, Emílio ainda serve como referência para a formação do “[...] respeito pelo outro, como princípio da sociabilidade moral entre os seres humanos”. (POKOJESKI, 2009, p. 14).

O que o genebrino almeja é um aluno que possua um coração bom, coberto por uma personalidade formada e amadurecida junto com seu educador; alguém que apresente em sua essência

uma liberdade intelectual, moral e social. Para Rousseau (2004), a criança nessa idade tem um corpo sadio, os membros ágeis, o espírito justo e sem preconceitos, o coração livre e sem paixões que não perturba ninguém, vive feliz e livre por meio do que a natureza lhe ofereceu. Portanto, questiona o filósofo: “[...] achais que uma criança que chegou assim aos quinze anos tenha perdido os anos precedentes?” (ROUSSEAU, 2004, p. 283).

Referências

- CERIZARA, B. **Rousseau: a educação na infância**. São Paulo: Editora Scipione Ltda., 1990.
- DALBOSCO, C. A. Crítica da razão e iluminismo pedagógico em Rousseau. In: SGRÓ, M. **Teoría crítica de La sociedad, educación, democracia y ciudadanía**. Tandil: Universidad Nacional Del Centro de La Provincia de Buenos Aires, 2008. p. 121-144.
- _____; EIDAM, H. **Moralidade e educação em Immanuel Kant**. Ijuí: Editora UNIJUI, 2009.
- KANT, I. **Sobre a pedagogia**. Trad. Francisco C. Fontanella. Piracicaba: Editora Unimep, 2002.
- POKOJESKI, S. A. Educação do adolescente e o papel do educador no livro III. In: DALBOSCO, C. A. (Org.). **Filosofia e Educação no Emílio de Jean-Jacques Rousseau: o papel do educador como governante**. Passo Fundo: Editora Alínea, 2009.
- ROUSSEAU J. J. **Emílio, ou, Da Educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- STRECK, D. **Rousseau & a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- TOMAZELLI, G. Emílio ou Da Educação: Uma visão panorâmica da obra. In: DALBOSCO, C. A. (Org.). **Filosofia e Educação no Emílio de Jean-Jacques Rousseau: o papel do educador como governante**. Passo Fundo: Editora Alínea, 2009.